

A Cidade de Ytú

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

ANNO X

REDACTOR
Francellino Cintra

YTU, 16 de Agosto de 1903

GERENTE
João Pery de Sampaio

N. 700

Dr. Jorge Miranda

Do nosso apreciado collega *Correio Paulistano*, de ant'hontem, trasladamos para as nossas columnas, o artigo abaixo, referente ao fallecimento do illustre Dr. Jorge Miranda :

«Hontem, pela 1 hora da tarde, falleceu nesta capital o sr. dr. Jorge Miranda, digno procurador geral do Estado: victimaram-no longos e pertinazes padecimentos, contra os quaes nada puderam os recursos limitados da sciencia.

Portador de um nome respeitado e honrado, que elle mais soubera honrar e respeitar, a sua longa vida nos recorda um passado de intelligencia e trabalho, de dedicação e patriotismo.

Na Academia, collega de Prudente, Campos Salles, Rangel Pestana, Bernardino, delineou-se de prompto a sua figura como valente campeão da Justiça e da Liberdade; e, logo depois de formado, o cargo de promotor publico de Campinas veio, não desmentir, confirmar a feição inicial da sua actividade moral.

Ao deixar a promotoria, de onde o seu nome sahio enriquecido de uma formosa reputação, começou a advogar; e o seu conceito mais se affirmou pelas lisura e correcção de que jamais se apartou no exercicio da sua nobre profissão.

Liberal adeantado, fez parte, com Campos Salles, da Assembléa Provincial de 1896, ambos eleitos pelo antigo 3º districto, depositario de tantas das nossas melhores glorias partidarias.

Organizadas as fileiras republicanas, logo após o manifesto de 1870, o dr. Jorge Miranda teve logar saliente entre os seus companheiros de lucta, declarando-se republicano; tomou parte na Convenção de Ytú, e, como republicano, entre os primeiros, foi eleito vereador á

Camara de Campinas, onde agiu sempre patrioticamente, ligando ao maior interesse pela sua terra, o maximo desinteresse pela sua pessoa.

Os seus estudos e a sua competencia em materia de instrucção chamaram-n'o a occupar o honroso cargo de director do collegio *Culto á Sciencia*, e d'elle se desempenhou com o brilho que os seus dotes intellectuaes e moraes promettiam.

Vinda a Republica, que elle sonhára e que, como nós, ambicionava, o nosso Estado correu por algum tempo o risco de se ver desprotegido das forças republicanas de que precisava a sua primeira organização; mas, travada a lucta, com o mesmo arrojio da propaganda, o restabelecimento subsequente do verdadeiro governo republicano veio abrir a, de então para deante, jamais interrompida era de paz e de progresso de que gosamos, e na qual o dr. Jorge Miranda effi-cazmente collaborou.

Quando o partido adquiriu esta folha, collocou-a sob a direcção politica do dr. Jorge Miranda que foi o seu primeiro redactor-chefe, seguindo se-lhe nessa ardua tarefa o nosso actual director.

A agricultura occupou largo tempo da sua existencia; sómente deixou o cultivo salutar da terra para continuar a longa série dos seus serviços ao bem publico, na cadeira de seuador a que o elevou o voto popular e que conservou até 1899.

Todos temos bem presentes os inestimaveis serviços que lhe devem os dois nossos magnos problemas—a instrucção e a colonização.

Mais tarde, director do Gymnasio de Campinas, o seu exemplo de rectidão e de cordura ficou perpetuado na admiração que lhe tributaram, indistinctamente, professores e alumnos.

O anno passado, finalmente, o sabio governo do sr. dr. Bernardino de Campos

o chamou a substituir o dr. Antonio Carlos de Andrada no logar de Procurador-geral do Estado de S. Paulo.

Já, infelizmente, se avantajava o desenvolvimento do implacavel mal que havia de levá-lo, e, por isso, apenas o seu nome illustrava o cargo cujas funcções lhe vedava a molestia desempenhar, quando veio a morte pôr termo a essa vida tão preciosa, á familia e á patria.

Feliz ainda a Republica na sua dôr, quando um morto, como este, ao levar consigo a nossa saudade, deixa-nos, em compensação, o seu exemplo.

O dr. Jorge Miranda, pertencia a uma familia de republicanos, contando entre os seus irmãos o illustre chefe general Francisco Glycerio, os srs. coronel Eloy Cerqueira, Leão Cerqueira, Antonio Cerqueira e Julio Cesar de Cerqueira Leite.

No seu filho Renato Miranda nosso distincto amigo, personalizamos a familia do morto, e lhe apresentamos as nossas mais sentidas expressões de pesar.»

PACIENCIA!

Subordinado a este suggestivo titulo, vem o «Republica» de quinta-feira ultima, com o seu costumado pessimismo intolerante, criticando a nossa administração politica.

Diz elle que a politica adoptada pelos dominantes d'esta localidade, é mais do que atrasada, é uma politica vergonhosa.

Se esquece o articulista do «Republica», da politica do, seus chefes, ou si não se esquece, lhe faz conta guardar segredo sobre esse ponto.

Elle se esquece de que nesae tempo os seus chefes, não deixavam um só dia de enlamear as escadarias da Commissão Central e do Palacio do Governo, pedindo, chorando e nos momentos de raiva, impondo mesmo medidas que viessem aniquilar por meios vexatorios os seus adversarios?

Estes, não tinham no tempo da negreganda politica dos homens do «Republica», direito algum civil ou politico, garantia nenhuma, para suas pessoas e bens; porque aqui reinava o absolutismo emanado da oligarchia reinante então nesta pobre, nesta desgraçada terra.

Elle, o articulista do «Republica», diz que a nossa direcção politica, só trata de pedidos politicos ao Governo, e que sobre melhoramentos innadiaveis, não ha tempo e nem espaço.

Diga-nos o articulista quaes os beneficios que Ytú fruiu sob a administração dos homens do «Republica»? Aponte-nos, mostre-nos, porque uós não encontramos um melhoramento sequer; buscamos por todos os escaninhos, e nada que preste, se nos apresenta, como serviço, como melhoramento dos seus homens, ou dos tempos tão chorados pelo articulista e seus comparsas.

Ahi está o barracão do largo do Carmo, etc.

Sim, ahi está o barracão, quem não sabe? Já nos saudosos tempos que o «Republica» dominava, ahi estava o barracão em ruinas, e os seus homens nem sequer pensaram em concertá-lo; ao passo que os nossos dirigentes politicos estão, não de hoje mas, já de algum tempo, tomando as providencias para a edificação da nova cadeia, que o «Republica» tem tanto interesse nella.

Porque?
A cadeia está envergonhando a gente do «Republica»?

132

O MILLIONÁRIO

mem de recursos. Quando o marido é um pobre enfermo debilitado pelos soffrimentos nada ha tão facil como escarnecer d'elle. Porém as infamias nem sempre produzem o mesmo effeito, porque muitas vezes o desespero presta força aos muribundos para vingar os agravos que recebem.

E Luciano, soltando uma gargalhada e fazendo um esforço supremo, apontou um revólver ao peito de marquez.

Leopoldo, com a presteza de tigre, arrojou-se volorosamente sobre aquelle furioso que ameaçava a sua vida.

Souu uma detonação. A bala fez em mil pedaços um espelho, porém não feriu o marquez. O conde, desarmado, rodou pelo chão, bramindo de ira.

—Agora podia eu matar-te—exclamou Leopoldo, atirando com o revolver que tinha arrancado das mãos do conde—porém, inspiras-me lastima e dó.

E voltando-se para Tula, ajunctou:

—Sra. condessa, espero que me perdoe esta scena desagradavel; e nao esqueça que nunca hei de consentir que este homem, por culpa minha, lhe falte ao respeito e ás considerações que se devem a uma dama.

Tula, que ainda não tinha recuperado o sangue-frio, dirigiu um olhar de gratidão ao marquez, que saiu do gabinete, enviando um sorriso apaixonado á mexicana.

No entanto o conde revolvía se pelo pavimento, rugindo de dôr e colera. Tula, que tinha recobrado a serenidade, contemplava-o com repugnancia, porque Luciano, livido como um cadaver estava horroroso.

Ao ruido da detonação acudiram alguns criados.

—Não houve nada—disse lhes a condessa.—Disparou-se um revolver por acaso. Conduzam o sr. conde ao seu gabinete e vá um chamar immediatamente o medico.

Luciano quiz falar e não pôde; só tinha alento para rugir como uma fera.

Quando Tula ficou só, pegou do revolver e examinou-o com attenção. Em seguida disse, fallando consigo mesmo.

—Conservarei esta arma para o que possa succeder. Luciano é um furioso moribundo que deve inspirar-me pouca confiança. A lucta começou, e não serei eu quem retroceda.

E sorrindo se de um modo desdenhoso ajunctou:

—Não posso amar meu marido; repugna-me a sua presença

e...

Tula passou a mão pela frente e tornou a dizer:

tem forças para vingar os agravos que lhe fazem?

—E a que vêm essas perguntas?—perguntou Tula.

—Sim, dizes bem; não vêm a nada, visto que a Providencia deu a creatura a sua sina. As minhas queixas são ridiculas e as minhas lamentações insupportaveis. Porém vou dar-te um conselho, Tula. Não te fies na minha doença e na minha prostração; o desespero pôde dar-me forças por um momento, e basta um momento para vingar um agravo.

Tula, ao ouvir estas palavras, levantou com certa altivez, a fronte, e fixando em seu esposo um olhar sereno, disse:

—Não me offendem as tuas ameaças, porque não dei motivos para que mas dirijas; porém já que acabas de fazer-me uma advertencia, cabe-me a mim tambem fazer te ontra. Não sou mulher que se dobre ante as ordens imperiosas de um marido. Antes de te dar a minha mão de esposa, disse te que não toleraria um tyramno por companheiro. Se o teu padecimento, que deploro, te faz soffrer muito, a culpa não é minha.

Luciano exhalou um profundo suspiro. Aquella mulher exercia sobre elle um dominio poderoso. Conhecia profundamente o genio de Tula, e sabia que na la poderia conseguir pelas ameaças.

—Tula, chegou a hora de te falar com tola a franqueza, tornou Lucia o. Li nos teus olhos, no teu coração, que te encontras em um desses momentos de lucta em que com tanta felicidade a mulher succumbe. Sei que o marquez de Sarly não vem a esta casa por minha causa, mas sim por tua.

—E que me importa? atalhou Tula com altivez.

Luciano olhou com espanto para sua mulher. Aquellas palavras eram um reptio lançado ás suas faces.

—Poderei, porventura, prohibir ao marquez que venha a estas casa e que seja attencioso commigo? proseguiu Tula. Meu caro Luciano, previu-te que não quero passar por ser ridicula aos olhos da sociedade.

—Logo, confessas que o marquez te ama?

—Nem o confesso nem o nego. Se dissesse ao marquez: «Suspeito que me ama, e prohibo-lhe portanto que não se torne a lembrar de mim,» o marquez teria razão de sobra para me julgar a mulher mais nescia e mais estúpida do mundo.

—E elle ja te disse que te amava?

—Não; e eis porque me parecem altamente ridiculas as tuas ameaças.

—Ah, Tula! E' que te amo como nunca te amei, e vejo em ti certa indifferença que me atormenta.

—O MILLIONÁRIO—

129

OFFICINA TYPOGRAPHICA D "A CIDADE DE YTU"

Rua da Palma, num. 56

N'esta officina apromptam-se :

CARTÕES DE VISITA :—Branços, de luto e phantasia, idem commerciaes ect.

Avulsos, Programmas,

Facturas commerciaes de um e dous lados,

Talões para recibos,

CONVITES DE CASAMENTO,

Rotulas para vinhos e demais bebidas,

ETIQUETAS PARA CIGARROS,

CONVITES PARA CANTINHOS,

BILHETES, BOLETINS, ETC.

E outros trabalhos concernentes a mesma arte,
TUDO POR PREÇOS REZUMIDOS,

A Diuheiro

RUA DA PALMA, N. 56

YTU'